

Oficinas de memória autobiográfica. Conversando com idosos: o registro das memórias vivas

Patricia Cabral

Rita Amaral

Vera Brandão

RESUMO: As oficinas desenvolvidas no Pateo do Collegio e no Grupo Vida Barueri tiveram como objetivo o resgate e o registro das narrativas em um caderno de memórias produzido pelos idosos. Utilizou-se a memória como método de resgate da história socioafetiva, através da oficina de memória autobiográfica. Foram atendidos 113 idosos no período entre 2003 a 2005. As oficinas propiciaram a participação efetiva da população idosa, resgatando a dignidade e a autoestima dos narradores, promovendo uma melhoria da qualidade de vida.

Palavras-chaves: memória autobiográfica; envelhecimento; trabalho em grupo.

ABSTRACT: *The workshops conducted at “Pateo do Collegio” and “Grupo Vida Barueri” aimed to rescue and register narratives in a memory book made by the elderly. Their memories were used as a method to rescue their social and affective history through the autobiographical memory workshop. Overall, 110 elderly individuals were assisted between 2003 and 2005. The workshops enabled the effective participation of the elderly population, rescuing the narrators’ dignity and self-esteem and promoting an improvement in their quality of life.*

Keywords: *autobiographical memory; aging; group work.*

Introdução

Ao tratar do envelhecimento, abordamos um tema de estudo complexo, e uma preocupação recente na sociedade brasileira. Até então, o país sempre fora conhecido como jovem e somente há pouco se percebeu que essa “cara jovem” sofreu mudanças significativas.

Os estudos demográficos apontam para o crescimento do segmento idoso, uma variável nova para a nossa sociedade. Berquó (1996, p. 7) ao tratar essa questão, afirma: “O crescimento da população idosa torna-se cada vez mais relevante porque ele já supera aquele da população total”. Por meio de projeções, a autora mostra que esse aumento da população de idosos, em relação à população total tende a continuar crescendo. Segundo ela, nesse novo século, o Brasil deve encontrar-se com 8.7 milhões de pessoas com 65 anos ou mais, numa relação proporcional de um idoso para vinte brasileiros com a projeção, para 2020, de um idoso para treze brasileiros. Isso significa que a população idosa tende a um aumento ainda maior nos próximos 20 anos, relacionado, diretamente, com o declínio da taxa de fecundidade da população: a taxa da média de filhos das brasileiras está caindo, fenômeno que se reflete nas transformações demográficas.

É importante esclarecer que, para a definição de metas governamentais e de políticas públicas no Brasil, considera-se idoso aquele maior de 60 anos de idade (Estatuto do Idoso, Lei n^o 10.742, de 1 de outubro de 2003 – Título I, Art. 1^o).

Complementares, a geriatria e a gerontologia focam as duas interfaces do envelhecimento: a primeira estuda mais os aspectos biológicos, enquanto a segunda aborda, preferencialmente, os aspectos psicológicos, sociais, antropológicos e políticos e, no Brasil, é uma área do conhecimento na qual os primeiros trabalhos acadêmicos datam da década de 70. A partir do momento que se constata o aumento da população idosa, surgem novas demandas para o atendimento, que exigem novos conhecimentos, ampliando a necessidade de adequação na formação dos recursos humanos.

O trabalho Oficina de Memórias Autobiográficas com idosos, que apresentamos, surgiu a partir do curso de formação continuada Oficina Memória Autobiográfica: teoria e prática, ministrado pela prof^a Vera Brandão, que nos deu os subsídios teórico-práticos para a execução das oficinas com idosos em diferentes espaços, dando sequência ao projeto Memória e Cultura, por ela iniciado em 1994.

A partir da formação e, por uma necessidade de diálogo entre a teoria e a prática, também foi criado o Grupo de Estudos da Memória – GEM, que tem entre seus objetivos o aprofundamento dos estudos teóricos sobre o tema da memória autobiográfica; a troca de experiências sobre as práticas profissionais desenvolvidas pelos participantes e a promoção de pesquisas relativas ao tema. Fazem parte do GEM profissionais exparticipantes do curso de formação que criaram um espaço de pesquisa, discussão e aprimoramento.

O projeto aqui apresentado – Conversando com idosos: o registro das memórias vivas – surgiu dos estudos, reflexões e trocas entre Cabral, psicóloga, e Amaral, pedagoga, pesquisadoras membros do GEM, e se realizaram em locais distintos.

Entre 2003 e 2004, o projeto teve lugar no Pateo do Collegio, que marca com exatidão o local de fundação da cidade de São Paulo, hoje a mais populosa do Brasil. Foi implantado para atender aos objetivos de realização de atividades culturais do Centro Loyola de Fé e Cultura e a integração da comunidade idosa com e nesse espaço público, que também abriga o Museu de Arte Sacra dos Jesuítas, patrimônios históricos da cidade. O desdobramento desse projeto aconteceu na cidade do Embu das Artes, situada a 30 quilômetros da capital, e se desenvolveu a partir do Largo dos Jesuítas, onde também se localiza o Museu de Arte Sacra.

Esse projeto, que foi proposto como uma atividade paralela às comemorações dos 450 anos de aniversário da cidade, utilizou a técnica das oficinas memória, com base na metodologia de formação em Memória Autobiográfica. As oficinas, dirigidas à população idosa, tiveram como cenário as cidades de São Paulo e Embu das Artes, espaços de vida e altamente motivadores para os narradores. No Pateo

O trabalho Oficina de Memórias Autobiográficas com idosos, que apresentamos, surgiu a partir do curso de formação continuada Oficina Memória Autobiográfica: teoria e prática, ministrado pela prof^a Vera Brandão, que nos deu os subsídios teórico-práticos para a execução das oficinas com idosos em diferentes espaços, dando sequência ao projeto Memória e Cultura, por ela iniciado em 1994.

A partir da formação e, por uma necessidade de diálogo entre a teoria e a prática, também foi criado o Grupo de Estudos da Memória – GEM, que tem entre seus objetivos o aprofundamento dos estudos teóricos sobre o tema da memória autobiográfica; a troca de experiências sobre as práticas profissionais desenvolvidas pelos participantes e a promoção de pesquisas relativas ao tema. Fazem parte do GEM profissionais exparticipantes do curso de formação que criaram um espaço de pesquisa, discussão e aprimoramento.

O projeto aqui apresentado – Conversando com idosos: o registro das memórias vivas – surgiu dos estudos, reflexões e trocas entre Cabral, psicóloga, e Amaral, pedagoga, pesquisadoras membros do GEM, e se realizaram em locais distintos.

Entre 2003 e 2004, o projeto teve lugar no Pateo do Collegio, que marca com exatidão o local de fundação da cidade de São Paulo, hoje a mais populosa do Brasil. Foi implantado para atender aos objetivos de realização de atividades culturais do Centro Loyola de Fé e Cultura e a integração da comunidade idosa com e nesse espaço público, que também abriga o Museu de Arte Sacra dos Jesuítas, patrimônios históricos da cidade. O desdobramento desse projeto aconteceu na cidade do Embu das Artes, situada a 30 quilômetros da capital, e se desenvolveu a partir do Largo dos Jesuítas, onde também se localiza o Museu de Arte Sacra.

Esse projeto, que foi proposto como uma atividade paralela às comemorações dos 450 anos de aniversário da cidade, utilizou a técnica das oficinas memória, com base na metodologia de formação em Memória Autobiográfica. As oficinas, dirigidas à população idosa, tiveram como cenário as cidades de São Paulo e Embu das Artes, espaços de vida e altamente motivadores para os narradores. No Pateo

do Collegio, chamamos as oficinas de Conversas no Pateo: a memória viva de São Paulo, e no Embu das Artes de Conversas no Largo: a memória viva do Embu.

No ano de 2005, o projeto foi implantado em um centro de convivência para idosos na cidade de Barueri, situado a 40 quilômetros da capital. O centro de convivências chamado Grupo Vida – Barueri é uma entidade civil sem fins lucrativos que presta serviços aos residentes nesse município, com idade igual ou maior que 60 anos. O Grupo Vida iniciou suas atividades em outubro de 1975 com 56 idosos, no centro de Barueri e, em 2006, contava com 1.836 associados, em suas três unidades. O projeto de Oficinas Memória Autobiográfica foi implantado nas unidades da Sede e do Jardim Mutinga, que se situa na região periférica da cidade. As oficinas ali realizadas foram denominadas Conversando no Grupo Vida: a memória viva de Barueri.

Para facilitar a compreensão, neste trabalho, utilizaremos um nome comum para as oficinas: Conversando com idosos: o registro das memórias vivas e, quando necessário distinguiremos o local específico de que estamos tratando.

Objetivos

O objetivo principal das oficinas é ressaltar a importância da memória autobiográfica como vetor de integração dos atores da cidade com suas raízes e a preservação do patrimônio humano. O trabalho possibilita uma reflexão sobre a trajetória de vida, reconstruída com a perspectiva da identidade atual, ressignificando-a e inserindo-a na história coletiva no tempo e espaço das culturas de origem e destino, resgatando a memória social das cidades pelo olhar único de cada indivíduo.

“Nunca estamos sós”, diz Halbwachs (1990), reforçando sua tese de que toda lembrança, mesmo tida pelo indivíduo como única, prende-se de alguma maneira ao contexto social mais amplo. Lembrar é reconstruir o passado a partir dos quadros sociais do presente; é uma lembrança

consciente. Ela também se apoia no tempo socialmente referido – a memória está no grupo – e o trabalho de reconstrução do passado só pode ser realizado nesse contexto (Brandão, 2002, p. 183).

Essa afirmação aponta também para a importância do grupo, fator relevante para os idosos, pela oportunidade do encontro e o (re) descobrimento de si e do outro, e por sua força latente, que vai se desenvolvendo a partir dos encontros, estabelecendo um forte laço afetivo entre os participantes.

Como ideia principal e guia nos propusemos a resgatar a história da cidade, não as histórias oficiais, jornalísticas, mas a história vivida, experimentada, criada através das palavras de seus habitantes, e transformar cada indivíduo em narrador-participante, memória viva das cidades. Esse trabalho de rememoração, além de prazeroso, pode aproximar as pessoas. Afirma Brandão:

Ao compartilhar lembranças, os tempos individuais se cruzam, formando um outro tempo coletivo, tempo presente no grupo. Este compartilhar dá lugar a uma nova solidariedade que propicia a cada um e ao grupo como um todo a segurança necessária para os relatos em um espaço de valorização e compreensão. Assim, a indiferença, marca das grandes cidades, desaparece dando lugar a uma nova trama de relações... Assim os grupos, formados aleatoriamente, tecem uma nova trama de (re) significados. (2005, p. 161)

Outro aspecto relevante do trabalho é o registro dessas lembranças em um caderno de memórias produzido pelos próprios narradores, que é entregue a cada participante ao final do processo, tornando-os produtores culturais, partindo do princípio que um trabalho documental é um produto cultural.

Cada tiragem depende da quantidade de participantes: em um grupo de 15 pessoas, fazemos uma edição de 17 exemplares, além dos participantes, a instituição recebe um exemplar e o outro é arquivado como parte do acervo de pesquisa. Outro ponto interessante surgido no decorrer do próprio trabalho, que se tornou um objetivo, foi o de

consciente. Ela também se apoia no tempo socialmente referido – a memória está no grupo – e o trabalho de reconstrução do passado só pode ser realizado nesse contexto (Brandão, 2002, p. 183).

Essa afirmação aponta também para a importância do grupo, fator relevante para os idosos, pela oportunidade do encontro e o (re) descobrimento de si e do outro, e por sua força latente, que vai se desenvolvendo a partir dos encontros, estabelecendo um forte laço afetivo entre os participantes.

Como ideia principal e guia nos propusemos a resgatar a história da cidade, não as histórias oficiais, jornalísticas, mas a história vivida, experimentada, criada através das palavras de seus habitantes, e transformar cada indivíduo em narrador-participante, memória viva das cidades. Esse trabalho de rememoração, além de prazeroso, pode aproximar as pessoas. Afirmo Brandão:

Ao compartilhar lembranças, os tempos individuais se cruzam, formando um outro tempo coletivo, tempo presente no grupo. Este compartilhar dá lugar a uma nova solidariedade que propicia a cada um e ao grupo como um todo a segurança necessária para os relatos em um espaço de valorização e compreensão. Assim, a indiferença, marca das grandes cidades, desaparece dando lugar a uma nova trama de relações... Assim os grupos, formados aleatoriamente, tecem uma nova trama de (re) significados. (2005, p. 161)

Outro aspecto relevante do trabalho é o registro dessas lembranças em um caderno de memórias produzido pelos próprios narradores, que é entregue a cada participante ao final do processo, tornando-os produtores culturais, partindo do princípio que um trabalho documental é um produto cultural.

Cada tiragem depende da quantidade de participantes: em um grupo de 15 pessoas, fazemos uma edição de 17 exemplares, além dos participantes, a instituição recebe um exemplar e o outro é arquivado como parte do acervo de pesquisa. Outro ponto interessante surgido no decorrer do próprio trabalho, que se tornou um objetivo, foi o de

organizar uma exposição das fotos e objetos significativos trazidos ou relatados durante as oficinas e, em alguns casos, a apresentação dos talentos de alguns participantes, com esquetes teatrais ou números musicais. Essa atividade também nos permitiu uma aproximação e articulação com outras linguagens como a teatral, visual e musical, que também compõem as memórias autobiográficas.

Finalmente, mas não menos importante, é objetivo da Oficina promover o envelhecimento ativo e a inclusão social, através do compromisso de participação nas mesmas e a descoberta, por meio das reflexões, de novos projetos. Como, por exemplo, o de alguns idosos analfabetos, participantes desses grupos, que se interessaram pelo processo de alfabetização para adultos, pois, quem nunca teve a oportunidade de acesso ao mundo letrado o registro da narrativa, pela palavra escrita, levou a descoberta de um mundo novo, repleto de desafios. Os estudos gerontológicos evidenciam que as atividades e projetos que motivem o idoso à participação têm um caráter preventivo, focando a manutenção da autonomia, pois, “envelhecer é um direito do cidadão, e envelhecer dignamente, um dever da sociedade” (Paz, 2004, p. 241).

Metodologia

A oficina *Conversando com idosos: o registro da memória viva* utiliza a memória autobiográfica como método de resgate da história afetiva vivida.

Brandão (2002, p. 181) afirma que a técnica da oficina de memória “tem se mostrado rica em possibilidades quando aplicada, seja em grupos de idosos seja na atualização ou preparação de profissionais das áreas da saúde e educação que trabalham com as questões do envelhecimento humano”.

As oficinas de Memória Autobiográfica – *Conversando com idosos: o registro das memórias viva* – contaram com a participação de 113 idosos em oito grupos distintos. Os grupos foram formados aleato-

riamente, e não houve nenhum critério de exclusão para a participação, somente ordem de inscrição, com uma média de 10 participantes – o maior grupo teve dezesseis participantes e o menor, seis.

Na formação dos grupos no Pateo do Collegio, em São Paulo, onde o projeto foi lançado inicialmente, houve uma divulgação no próprio local por meio de folhetos e cartazes e também através da mídia rádio, veiculado em um programa semanal de entrevistas com cidadãos que fazem parte da história de São Paulo, e tem uma grande audiência, principalmente de idosos.¹

Já no Grupo Vida Barueri, o convite e a divulgação das oficinas foram feitos através de uma mala direta com a programação mensal, enviada aos cadastrados, e também por meio de folhetos e cartazes no centro de convivência. É importante ressaltar que todo trabalho novo gera curiosidade, mas também desconfiança, portanto, para ser implantado com sucesso o projeto demandou persistência e perseverança das coordenadoras, já que os grupos não estavam prontos: foram criados. No entanto, também constatamos que depois de realizada a primeira oficina, os próprios participantes e o produto por eles executado, o caderno de memória, tornaram-se os mais eficientes divulgadores.

As oficinas funcionaram em nove encontros de duas horas semanais, no período de dois meses. Foram utilizados recursos, como leituras, reflexões e dinâmicas de grupo, a partir de material adequado e pré-selecionado pelas coordenadoras. Esse material é usado como estímulo para iniciar as conversas evocativas. Segundo Izquierdo, “de longe, e por enorme diferença, o melhor exercício para preservar e melhorar a memória é a prática da leitura” (2004, p. 85, grifo do autor). As leituras eram realizadas por voluntários do próprio grupo ou pelas coordenadoras, mas sempre todos os participantes recebiam o texto que estava sendo lido.

Os encontros foram planejados de modo a permitir a expressão espontânea de todos os seus participantes; para tanto, a função de

1 Programa São Paulo de todos os tempos, idealizado e conduzido pelo jornalista Geraldo Nunes, que foi ao ar em 28 de setembro de 2003.

riamente, e não houve nenhum critério de exclusão para a participação, somente ordem de inscrição, com uma média de 10 participantes – o maior grupo teve dezesseis participantes e o menor, seis.

Na formação dos grupos no Pateo do Collegio, em São Paulo, onde o projeto foi lançado inicialmente, houve uma divulgação no próprio local por meio de folhetos e cartazes e também através da mídia rádio, veiculado em um programa semanal de entrevistas com cidadãos que fazem parte da história de São Paulo, e tem uma grande audiência, principalmente de idosos.¹

Já no Grupo Vida Barueri, o convite e a divulgação das oficinas foram feitos através de uma mala direta com a programação mensal, enviada aos cadastrados, e também por meio de folhetos e cartazes no centro de convivência. É importante ressaltar que todo trabalho novo gera curiosidade, mas também desconfiança, portanto, para ser implantado com sucesso o projeto demandou persistência e perseverança das coordenadoras, já que os grupos não estavam prontos: foram criados. No entanto, também constatamos que depois de realizada a primeira oficina, os próprios participantes e o produto por eles executado, o caderno de memória, tornaram-se os mais eficientes divulgadores.

As oficinas funcionaram em nove encontros de duas horas semanais, no período de dois meses. Foram utilizados recursos, como leituras, reflexões e dinâmicas de grupo, a partir de material adequado e pré-selecionado pelas coordenadoras. Esse material é usado como estímulo para iniciar as conversas evocativas. Segundo Izquierdo, “de longe, e por enorme diferença, o melhor exercício para preservar e melhorar a memória é a prática da leitura” (2004, p. 85, grifo do autor). As leituras eram realizadas por voluntários do próprio grupo ou pelas coordenadoras, mas sempre todos os participantes recebiam o texto que estava sendo lido.

Os encontros foram planejados de modo a permitir a expressão espontânea de todos os seus participantes; para tanto, a função de

1 Programa São Paulo de todos os tempos, idealizado e conduzido pelo jornalista Geraldo Nunes, que foi ao ar em 28 de setembro de 2003.

controlar o tempo era exercida por uma das coordenadoras. E como “toda a memória é adquirida num certo estado emocional” (Izquierdo, 2005, p. 36), quando trabalhamos na perspectiva da evocação de memórias autobiográfica, a continência e respeito pelas falas, e até mesmo os silêncios e esquecimentos dos participantes se faz fundamental. No decorrer do processo, com o aprofundamento dos vínculos, percebemos que essa função de continência e respeito pelo outro foi se desenvolvendo no próprio grupo.

Constatamos que um dos principais motivos que levam os idosos a procurarem a oficina é a palavra *memória*, já que, usualmente, é estabelecida a relação entre perda da memória e envelhecimento. Com o aumento da longevidade e o desenvolvimento das ciências médicas, patologias como o mal Alzheimer, entre outras, que causam danos sérios à memória, são cada vez mais estudadas e seus resultados largamente divulgados.

No entanto, nosso trabalho alinha-se entre as abordagens de caráter preventivo, lembrando que “para a memória normal se aplica o princípio de que a ‘função faz o órgão’. Os idosos que cultivam sua memória, principalmente praticando-a por meio da leitura consciente, mantêm sua mente funcionando o melhor possível até o final” (Izquierdo, 2004, p. 95).

As oficinas utilizam os conceitos de *ressignificação*, no sentido de atualização da identidade e de “memória afetiva positiva na perspectiva do desejo – não focando no que não foi feito, e sim no que posso e quero fazer” (Brandão, 2002, p. 186).

A partir das conversas e das trocas, ocorridas nos encontros, pedimos para que os participantes registrassem essas histórias compartilhadas e as lembranças dos momentos vivenciados. Esse material foi, posteriormente, organizado pelas coordenadoras e transformado nos cadernos de memórias, considerados como produção coletiva. Sua organização seguiu os seguintes passos: os textos originais foram copiados e organizados em uma sequência, de acordo com o processo; no penúltimo encontro, os textos foram encadernados pelos próprios idosos; finalmente, cada integrante recebeu seu exemplar, com as histórias compartilhadas naquele grupo. No encerramento, os idosos fizeram

a entrega oficial de um exemplar do caderno para o representante da instituição em que ocorreu a oficina, e foi realizada uma confraternização, aberta para novos interessados e familiares dos idosos.

E como são feitos esses registros? Cada integrante teve a “tarefa” de registrar as lembranças evocadas, faladas ou não em cada encontro, mas como nosso objetivo é inclusivo, o critério – alfabetização – não foi considerado. Muitos participantes são analfabetos, principalmente na cidade de Barueri, e, nesses casos, sugeríamos inicialmente que os idosos procurassem parceiros nas famílias. Tivemos sucesso em vários casos, o que aponta para a criação uma nova relação intergeracional significativa, entre pais e filhos, mas principalmente entre avós e netos. Em outros casos, nos dispusemos a funcionar como mãos e olhos daqueles impossibilitados de versar pelo mundo escrito. Os idosos nos ditavam suas histórias e, com a preocupação de não alterar a forma e o estilo da narrativa, registrávamos e líamos as narrativas para eles que, posteriormente, assinavam, garantindo a fidelidade do relato.

Notamos que essas pessoas experimentaram algo inesperado: ter sua história registrada e, mais, levou-os a ter coragem e o desejo de se alfabetizarem para lerem seus cadernos ou outros textos. Esclarecemos que no Grupo Vida Barueri eram oferecidos cursos de alfabetização para adultos, e nós os incentivamos e motivamos para enfrentar esse desafio. O caderno, produto final do processo das oficinas de memória autobiográfica *Conversando com idosos*: o registro das memórias vivas não tem pretensões literárias e, assim, mantivemos no original o modo pelo qual cada participante fez seu relato. Como resultado final da oficina, sabemos que não contempla todo o processo vivido e nem mostra a intensidade das emoções compartilhadas pelo grupo, mas é concreto e recebido pelos idosos com muita surpresa, satisfação e orgulho, o que alimenta e estimula as coordenadoras e os idosos para projetos futuros.

Dados obtidos

Destacamos que os resultados apresentados referem-se aos dois locais onde o projeto foi desenvolvido. Nas oficinas *Conversando com*

a entrega oficial de um exemplar do caderno para o representante da instituição em que ocorreu a oficina, e foi realizada uma confraternização, aberta para novos interessados e familiares dos idosos.

E como são feitos esses registros? Cada integrante teve a “tarefa” de registrar as lembranças evocadas, faladas ou não em cada encontro, mas como nosso objetivo é inclusivo, o critério – alfabetização – não foi considerado. Muitos participantes são analfabetos, principalmente na cidade de Barueri, e, nesses casos, sugeríamos inicialmente que os idosos procurassem parceiros nas famílias. Tivemos sucesso em vários casos, o que aponta para a criação uma nova relação intergeracional significativa, entre pais e filhos, mas principalmente entre avós e netos. Em outros casos, nos dispusemos a funcionar como mãos e olhos daqueles impossibilitados de versar pelo mundo escrito. Os idosos nos ditavam suas histórias e, com a preocupação de não alterar a forma e o estilo da narrativa, registrávamos e líamos as narrativas para eles que, posteriormente, assinavam, garantindo a fidelidade do relato.

Notamos que essas pessoas experimentaram algo inesperado: ter sua história registrada e, mais, levou-os a ter coragem e o desejo de se alfabetizarem para lerem seus cadernos ou outros textos. Esclarecemos que no Grupo Vida Barueri eram oferecidos cursos de alfabetização para adultos, e nós os incentivamos e motivamos para enfrentar esse desafio. O caderno, produto final do processo das oficinas de memória autobiográfica *Conversando com idosos: o registro das memórias vivas* não tem pretensões literárias e, assim, mantivemos no original o modo pelo qual cada participante fez seu relato. Como resultado final da oficina, sabemos que não contempla todo o processo vivido e nem mostra a intensidade das emoções compartilhadas pelo grupo, mas é concreto e recebido pelos idosos com muita surpresa, satisfação e orgulho, o que alimenta e estimula as coordenadoras e os idosos para projetos futuros.

Dados obtidos

Destacamos que os resultados apresentados referem-se aos dois locais onde o projeto foi desenvolvido. Nas oficinas *Conversando com*

idosos: o registro das memórias vivas a faixa etária média foi de 68 anos. Um dado importante é que no Pateo do Collegio não houve critério de seleção por faixa etária, já no centro de convivência para idosos – Grupo Vida Barueri existiu a necessidade de uma matrícula que só é feita para pessoas a partir de 60 anos de idade. Com essa matrícula o idoso cadastrado pode participar de qualquer atividade para a qual esteja apto e interessado. Portanto, em Barueri, todos os participantes tinham sessenta anos ou mais.

No Quadro 1 apresentamos os dados obtidos nas oficinas segundo gênero:

Quadro 1

<i>Gênero</i>	<i>Nº absoluto</i>	<i>Porcentagem</i>
Feminino	88	77,9%
Masculino	25	22,1%
	113	100%

Esses dados confirmam as estatísticas sobre o envelhecimento onde se percebe uma porcentagem maior do sexo feminino e de acordo com o que ocorre nas pesquisas demográficas, “onde desde 1950 às mulheres tem correspondido maior esperança de vida ao nascer, ou seja lhes tem cabido um maior número de anos por viver” (Berquó, 1996, p. 12). E também “de acordo com os dados do IBGE (2000), 55% dos idosos brasileiros são mulheres que vivem sozinhas, e têm dificuldade de inserção no mercado de trabalho formal que, na maioria dos casos está relacionada com a baixa escolaridade e escassa experiência profissional” (Bassit, 2004, p.138).

Cabe ressaltar que apesar do quadro de feminização da velhice, apontada em todas as pesquisas, constatamos que, nas Oficinas, de forma geral, os homens estiveram presentes (22,1%), demonstrando um interesse diferencial. Levantamos a hipótese de essa frequência estar relacionada ao tema das oficinas: Conversas no Pateo/Grupo Vida: a memória viva de São Paulo/Barueri, que valoriza a memória dos espaços de vida e trabalho na cidade, espaço geográfico do qual os homens também se sentem atores.

Outro aspecto que destacamos é o local de origem desses participantes, dados do Quadro 2, que indicam um recorte da população apontando o perfil dos habitantes de São Paulo: a grande maioria (62,8%) é da região sudeste, com uma proporção significativa de migrantes nordestinos (31,9%). Os 2,7% de imigrantes são indivíduos que deixaram há muito tempo seus lugares de origem – Portugal, Itália e Bolívia – para viverem nas cidades de destino – Barueri, Embu ou São Paulo.

Quadro 2

Região de origem	Nº absoluto	Porcentagem
Sudeste	71	62,8%
Nordeste	36	31,9%
Sul	2	1,8%
Norte	1	0,9%
Centro-oeste	0	0
Imigrante	3	2,7%
	113	100%

Um outro aspecto desse perfil, e que nos pede atenção, abordado durante as oficinas *Conversando com idosos*: o registro das memórias vivas, foi a diversidade de formação e ocupações exercidas pelos participantes ao longo da vida, o que evidencia a heterogeneidade do grupo (Quadro 3). Verificamos que, mesmo com tal diversidade, foi possível a todos compartilhar suas histórias de vida, em ambiente de grande interesse, pois esse trabalho valoriza os diversos saberes dos indivíduos. No Quadro 3 pode-se verificar que os dados mostram o perfil da mulher idosa, nas grandes cidades, formada por trabalhadoras domésticas (22,1%) ou donas-de-casa (17,7%).

Outro aspecto que destacamos é o local de origem desses participantes, dados do Quadro 2, que indicam um recorte da população apontando o perfil dos habitantes de São Paulo: a grande maioria (62,8%) é da região sudeste, com uma proporção significativa de migrantes nordestinos (31,9%). Os 2,7% de imigrantes são indivíduos que deixaram há muito tempo seus lugares de origem – Portugal, Itália e Bolívia – para viverem nas cidades de destino – Barueri, Embu ou São Paulo.

Quadro 2

Região de origem	Nº absoluto	Porcentagem
Sudeste	71	62,8%
Nordeste	36	31,9%
Sul	2	1,8%
Norte	1	0,9%
Centro-oeste	0	0
Imigrante	3	2,7%
	113	100%

Um outro aspecto desse perfil, e que nos pede atenção, abordado durante as oficinas *Conversando com idosos*: o registro das memórias vivas, foi a diversidade de formação e ocupações exercidas pelos participantes ao longo da vida, o que evidencia a heterogeneidade do grupo (Quadro 3). Verificamos que, mesmo com tal diversidade, foi possível a todos compartilhar suas histórias de vida, em ambiente de grande interesse, pois esse trabalho valoriza os diversos saberes dos indivíduos. No Quadro 3 pode-se verificar que os dados mostram o perfil da mulher idosa, nas grandes cidades, formada por trabalhadoras domésticas (22,1%) ou donas-de-casa (17,7%).

Quadro 3

Ocupação	Nº absoluto	Porcentagem
Trabalhador doméstico	25	22,1%
Dona de casa	20	17,7%
Costureira	10	8,8%
Auxiliar de Escritório	10	8,8%
Ajudante Geral	8	7,1%
Professor	8	7,1%
Profissional Liberal (nível superior)	6	5,3%
Empresário	6	5,3%
Auxiliar de Enfermagem	5	4,4%
Auxiliar de Produção	4	3,5%
Vendas	3	2,7%
Auxiliar de Laboratório	2	1,8%
Profissional nível técnico	2	1,8%
Outro	4	3,5%
	113	100%

Como último dado estatístico, apresentamos o Quadro 4 que traz dados sobre a escolaridade dos participantes e enfatiza o que já foi apontado anteriormente neste trabalho. Trabalhamos com uma população de 20,4% de analfabetos e 36,3% de idosos com o ensino fundamental incompleto, ou seja: metade dos idosos estudou no máximo um ou dois anos em suas vidas. Constatamos que o idoso que não teve a oportunidade de estudar pôde resgatar, no processo da oficina, esse desejo, transformando-o em um projeto de vida. Os dados da pesquisa evidenciam, aos profissionais que trabalham com idosos, a disponibilidade do sujeito velho para o novo, para as transformações e desafios da aprendizagem.

Quadro 4

Escolaridade	Nº absoluto	Porcentagem
Analfabeto	23	20,4%
Fundamental Completo	20	17,7%
Fundamental Incompleto	41	36,3%
Médio Completo	4	3,5%
Médio Incompleto	14	12,4%
Superior Completo	1	0,9%
Superior Incompleto	10	8,8%
	113	100%

Achamos oportuno fazer algumas considerações sobre os dados quantitativos acima apresentados como parte desse projeto. Nossa prática sempre teve o foco nos participantes e na possibilidade de tornar as oficinas *Conversando com idosos*: o registro das memórias vivas um espaço de descobertas e trocas. A prática evidenciou a necessidade de um levantamento de dados objetivos quanto ao perfil dos participantes, que pudessem melhor mapear o universo de trabalho, fundamentando-o com mais rigor e respondendo aos critérios acadêmicos, para o desenvolvimento de uma metodologia que fornecesse respaldo teórico visando a formação de profissionais da área gerontológica.

Os dados foram obtidos no final das oficinas, através de um questionário sistematizado aplicado no último encontro. Na primeira oficina realizada no Pateo do Collegio, mandamos o questionário pelo correio com o retorno de todos os participantes. O critério de não aplicarmos nenhum questionário informativo, com questões fechadas, no início do processo, tem como objetivo formalizar primeiro o vínculo afetivo e, só depois, e com a permissão dos idosos, sistematizar o trabalho.

O registro das imagens

Durante o processo das oficinas *Conversando com idosos*: o registro das memórias vivas realizamos um registro fotográfico, com a permissão dos idosos, que mostra o envolvimento e o “retrato” dos grupos nos diferentes momentos do trabalho. No último encontro, no

Quadro 4

Escolaridade	Nº absoluto	Porcentagem
Analfabeto	23	20,4%
Fundamental Completo	20	17,7%
Fundamental Incompleto	41	36,3%
Médio Completo	4	3,5%
Médio Incompleto	14	12,4%
Superior Completo	1	0,9%
Superior Incompleto	10	8,8%
	113	100%

Achamos oportuno fazer algumas considerações sobre os dados quantitativos acima apresentados como parte desse projeto. Nossa prática sempre teve o foco nos participantes e na possibilidade de tornar as oficinas *Conversando com idosos*: o registro das memórias vivas um espaço de descobertas e trocas. A prática evidenciou a necessidade de um levantamento de dados objetivos quanto ao perfil dos participantes, que pudessem melhor mapear o universo de trabalho, fundamentando-o com mais rigor e respondendo aos critérios acadêmicos, para o desenvolvimento de uma metodologia que fornecesse respaldo teórico visando a formação de profissionais da área gerontológica.

Os dados foram obtidos no final das oficinas, através de um questionário sistematizado aplicado no último encontro. Na primeira oficina realizada no Pateo do Collegio, mandamos o questionário pelo correio com o retorno de todos os participantes. O critério de não aplicarmos nenhum questionário informativo, com questões fechadas, no início do processo, tem como objetivo formalizar primeiro o vínculo afetivo e, só depois, e com a permissão dos idosos, sistematizar o trabalho.

O registro das imagens

Durante o processo das oficinas *Conversando com idosos*: o registro das memórias vivas realizamos um registro fotográfico, com a permissão dos idosos, que mostra o envolvimento e o “retrato” dos grupos nos diferentes momentos do trabalho. No último encontro, no

qual se realizou a confraternização e exposição, as fotografias, tiradas ao longo do trabalho, foram apresentadas aos idosos. Muitos adquirem cópias das imagens, entregues para o arquivo da instituição e distribuídas aos familiares. Fato marcante é que muitos idosos há anos não eram fotografados, sentindo-se valorizados ao se verem retratados e trabalhando. A tecnologia digital, tão comum atualmente, ainda não faz parte da vida desses idosos, e no processo oficina eles também tiveram essa oportunidade de registro, o que lhes pareceu bastante atraente. Com essa atividade, também realçamos a força dos diversos meios de expressão, incluindo a linguagem visual como parte das memórias (auto) biográficas e suas múltiplas (re) significações.

O registro das narrativas

Apresentamos a seguir trechos dessas memórias vivas, na voz do idoso, que, mantidas na transcrição original, contêm alguns erros de grafias, destacando que a maior parte dos textos autobiográficos, que compuseram os cadernos, foram escritas à mão. O caderno contém recortes do processo vivido nos encontros, pois as oficinas não se encerram ao final do mesmo, pois o registro demanda uma mobilização e, muitas vezes, a redescoberta da escrita.

Identidade

Vou contar a história do meu nome. Meu nome é Benedita. Eu tenho esse nome porque tinha um escravo que tinha o nome Benedito. Ele morava com meus avós, depois que meus pais se casaram ele foi morar com eles. Quando nascia meus irmãos ele dizia para colocar o nome dele, mas meus pais não quiseram. Eu fui a premiada. Quando eu era criança, não gostava do meu nome, tinha vergonha, achava feio, queria que me chamasse de Détinha. Mas hoje em dia eu gosto do meu nome. Não tenho mais vergonha de ser ...Benedita.

Encontrei o caminho pela memória, pela partilha, pela emoção.

A foto

Que gostoso foi mexer, remexer as gavetas, os álbuns novos e antigos, à procura de uma foto. Nessa busca, quanta lembrança, quanta história passou pela cabeça. Boas, ruins, não importam. O bom é rever, lembrar, ou para a gente mesmo, ou para contar ao outro, como aqui nós fizemos.

A escrita

Sobre o projeto de alfabetização (idosa de 86 anos): *Eu quero aprender a ler e escrever um pouco porque não quero ficar dependendo dos netos e nem de ninguém.*

A desilusão amorosa

Trabalhando na Santa Casa fui apresentada pela minha colega a um moço que eu simpatizei muito por ser uma criatura simples, modesta e de caráter e comportamento exemplares. Gostei dele e passamos a nos encontrar finais de semana; começamos a passear juntos, ir ao cinema. Logo já estávamos fazendo planos de ficar noivos, até que ele pediu para eu esperar mais (quem sabe ele estava com alguma dificuldade) e eu por ignorância ou ironia do destino usei palavras que ele não gostou. Desta vez foi o fim!

O novo olhar. A cidade ressignificada

Está me fazendo olhar São Paulo... Hoje mesmo comecei a prestar atenção na Florêncio de Abreu. Esse encontro me faz prestar atenção e compartilhar esse tesouro. São Paulo não existe sem nós.

Atravesso o viaduto do Cbá, o que já fiz milhares de vezes nos meus 73 anos. Admiro o Vale do Anhangabaú, sempre o comparando com suas várias versões, e lembro – não sei porque – do dia em que o povo se reuniu ali para as Diretas Já em 1984 e eu estava com uma saia amarela para entrar no clima.

Aprendi a conhecer melhor as pessoas, esse espaço, o Embu. Pessoas comuns que construíram o Embu.

A foto

Que gostoso foi mexer, remexer as gavetas, os álbuns novos e antigos, à procura de uma foto. Nessa busca, quanta lembrança, quanta história passou pela cabeça. Boas, ruins, não importam. O bom é rever, lembrar, ou para a gente mesmo, ou para contar ao outro, como aqui nós fizemos.

A escrita

Sobre o projeto de alfabetização (idosa de 86 anos): *Eu quero aprender a ler e escrever um pouco porque não quero ficar dependendo dos netos e nem de ninguém.*

A desilusão amorosa

Trabalhando na Santa Casa fui apresentada pela minha colega a um moço que eu simpatizei muito por ser uma criatura simples, modesta e de caráter e comportamento exemplares. Gostei dele e passamos a nos encontrar finais de semana; começamos a passear juntos, ir ao cinema. Logo já estávamos fazendo planos de ficar noivos, até que ele pediu para eu esperar mais (quem sabe ele estava com alguma dificuldade) e eu por ignorância ou ironia do destino usei palavras que ele não gostou. Desta vez foi o fim!

O novo olhar. A cidade ressignificada

Está me fazendo olhar São Paulo... Hoje mesmo comecei a prestar atenção na Florêncio de Abreu. Esse encontro me faz prestar atenção e compartilhar esse tesouro. São Paulo não existe sem nós.

Atravesso o viaduto do Cbá, o que já fiz milhares de vezes nos meus 73 anos. Admiro o Vale do Anhangabaú, sempre o comparando com suas várias versões, e lembro – não sei porque – do dia em que o povo se reuniu ali para as Diretas Já em 1984 e eu estava com uma saia amarela para entrar no clima.

Aprendi a conhecer melhor as pessoas, esse espaço, o Embu. Pessoas comuns que construíram o Embu.

Avaliações espontâneas

- *Oficina de Memória. O que é isso? Falando de memória. Mas onde encontrá-la. Após algumas décadas de nossa vida, essa peça importante da engrenagem cerebral, tende aos esquecimentos, fazendo com que a pessoa vítima desse mal, deixe de participar de tudo que se relacione com ela.*
- *Não estuda, não lê, não escreve, porque para exercer essas atividades é necessário saber lembrar aquilo que lê, estuda ou escreve.*
- *Nosso vocabulário vai se extinguindo deixando uma lacuna em nosso cérebro, que já nem insiste em trabalhar...*
- *Imaginem, que eu falei até do bolinho de fubá, indigesto para mim, o qual nunca havia falado dele com ninguém.*
- *(Vocês) com seu jeitinho especial, conseguiram fazer com que pudéssemos abrir nossas caixas de segredos, sem medo de nos sentir ridicularizadas, antes nos sentir com a alma lavada, ao resgatar nossa memória adormecida.*

Último encontro – o Caderno de Memórias

O livro é o Natal do ano, não preciso mais de nenhum presente. Quem teve uma vida de 11 anos na rua, de uma vida terrível no alcoolismo, na rua, no mato, vida indigente. E, eu fugia do ser humano, melhor um cachorro. Quem era eu para estar perto (põe a mão no ombro de outra participante que é muito vaidosa e sempre bem arrumada) e hoje olho na face de cada um e me sinto o mais feliz da face da terra, bonito. Simplesmente, ser. Agradeço a Deus a participação neste grupo, isso é vida.

Considerações finais

As avaliações subjetivas deste projeto indicam: a satisfação dos participantes ao ter sua história registrada, especialmente para os idosos que não tiveram acesso à educação formal e são analfabetos; o desejo, de parte destes, de se alfabetizar; a percepção de seu potencial; a oportunidade de resgate, troca de experiências e saberes auxiliando no processo de ressignificação identitária, tão desvalorizada na população

idosa; a sensação de inclusão na cidade de São Paulo e de Barueri; o resgate da dignidade e autoestima dos narradores, promovendo uma melhoria da sua qualidade de vida.

Finalmente, pudemos constatar também um processo de reencontro e reapropriação da cidade por parte de seus habitantes, ao garantir a participação efetiva da população idosa como parte incluída na cidade de São Paulo, do Embu e de Barueri; e que o compartilhar dos relatos, ressignificados pela memória autobiográfica, facilita uma comunicação eficiente entre as pessoas, pois o partilhar das memórias nivela e rompe barreiras entre indivíduos de diferentes grupos sociais, faixa etária, profissões e condições físicas.

Referências

- BASSIT, A. (2004). “Na condição de mulher: a maturidade feminina”. In: PY, L. et al. Tempo de envelhecer – percursos e dimensões psicossociais. Rio de Janeiro, Nau.
- BERQUÓ, E. (1996). Algumas considerações demográficas sobre o envelhecimento da população no Brasil. In: Primeiro Seminário Internacional sobre o Envelhecimento: uma agenda para o fim do século. Anais... Brasília, 1-3 de julho.
- BOSI, E. (1999). Memória e Sociedade – Lembranças de velhos. São Paulo, Cia das Letras.
- BRANDÃO, V. (1999). Memória, Cultura e Projeto de Vida. Dissertação de Mestrado. São Paulo, PUC.
- _____(2002). Oficina de Memória – Teoria e Prática: relato sobre a construção de um projeto. *Kairós Gerontologia*, v. 5, n. 2, pp.181-195.
- _____(2005). “Memória autobiográfica – reflexões”. In: CORTE, B.; MERCADANTE, E. e ARCURI, A. (orgs.). *Velhice, envelhecimento, complex(idade)*. São Paulo, Vetor.
- HALBWACHS, M. (1990). A memória coletiva. São Paulo, Revista dos Tribunais/Vértice.

idosa; a sensação de inclusão na cidade de São Paulo e de Barueri; o resgate da dignidade e autoestima dos narradores, promovendo uma melhoria da sua qualidade de vida.

Finalmente, pudemos constatar também um processo de reencontro e reapropriação da cidade por parte de seus habitantes, ao garantir a participação efetiva da população idosa como parte incluída na cidade de São Paulo, do Embu e de Barueri; e que o compartilhar dos relatos, ressignificados pela memória autobiográfica, facilita uma comunicação eficiente entre as pessoas, pois o partilhar das memórias nivela e rompe barreiras entre indivíduos de diferentes grupos sociais, faixa etária, profissões e condições físicas.

Referências

- BASSIT, A. (2004). “Na condição de mulher: a maturidade feminina”. In: PY, L. et al. Tempo de envelhecer – percursos e dimensões psicossociais. Rio de Janeiro, Nau.
- BERQUÓ, E. (1996). Algumas considerações demográficas sobre o envelhecimento da população no Brasil. In: Primeiro Seminário Internacional sobre o Envelhecimento: uma agenda para o fim do século. Anais... Brasília, 1-3 de julho.
- BOSI, E. (1999). Memória e Sociedade – Lembranças de velhos. São Paulo, Cia das Letras.
- BRANDÃO, V. (1999). Memória, Cultura e Projeto de Vida. Dissertação de Mestrado. São Paulo, PUC.
- _____(2002). Oficina de Memória – Teoria e Prática: relato sobre a construção de um projeto. *Kairós Gerontologia*, v. 5, n. 2, pp.181-195.
- _____(2005). “Memória autobiográfica – reflexões”. In: CORTE, B.; MERCADANTE, E. e ARCURI, A. (orgs.). *Velhice, envelhecimento, complex(idade)*. São Paulo, Vetor.
- HALBWACHS, M. (1990). A memória coletiva. São Paulo, Revista dos Tribunais/Vértice.

- IZQUIERDO, I. (2004). *Questões sobre a memória*. Rio Grande do Sul, Unisinos.
- (2005). *A arte de esquecer. Cérebro, memória e esquecimento*. Rio de Janeiro, Vieira e Lent.
- MARTINS, J. (1998). Não somos Cronos, somos Kairós. *Kairós Gerontologia*, n. 1, pp. 11-24.
- PAZ, S. F. (2004). “Movimento Social: participação dos idosos”. In: PY, L. et al. *Tempo de envelhecer – percursos e dimensões psicossociais*. Rio de Janeiro, Nau.
- THOMPSON, P. (1992). *A voz do passado – História Oral*. São Paulo, Paz e Terra.

Data de recebimento: 17/7/2008; Data de aceite: 25/8/2008.

Patricia Cabral – Psicóloga, mestre em Gerontologia, pesquisadora do Grupo de Estudos da Memória (GEM) do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Envelhecimento (NEPE) do Programa de Estudos Pós Graduated em Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: patricia@ferreiracabral.com.br

Rita Amaral – Pedagoga, especialista em Gerontologia, pesquisadora do Grupo de Estudos da Memória (GEM) do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Envelhecimento (NEPE) do Programa de Estudos Pós Graduated em Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: silveiramaral@uol.com.br

Vera Brandão – Pedagoga, doutora em Antropologia, pesquisadora do Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento – NEPE – do Programa de Estudos Pós-Graduated em Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), coordenadora do Grupo de Estudos da Memória (GEM). E-mail: veratordino@hotmail.com

ANAIS
XI Semana de Gerontologia

**Velhice e Longevidade:
Desafios Atuais e Futuros**

Coordenação Geral

Elisabeth F. Mercadante

Ruth G. da Costa Lopes

Comissão Científica

Beltrina Côrte

Nadia Durama Ruiz Silveira

Flaminia Lodovici

Organização dos resumos

Ana Carolina L. da Silva

Tatiane Gomes Teixeira

Assistente de edição

Janáina da Silva Aguiar